

**REPENSANDO AS ESTRUTURAS: METALITERATURA E GENOCÍDIO
NEGRO NO
BRASIL**

**RETHINKING THE STRUCTURES: METALITERATURE AND BLACK
GENOCIDE IN BRAZIL**

SANTANA, Luiz Henrique Costa De

SANTOS, Gilmara Mabel

SOUZA, Emanuel Rodrigues De

Resumo: Diante das circunstâncias que abarcam o meio social, é de suma importância discutir as posições e as concepções que circulam na sociedade, rever posicionamentos equivocados e preconceitos enraizados, assim, este trabalho visa expor uma sequência didática básica aplicada em uma escola da zona da mata. Os métodos que conduzem este trabalho se configuram como uma pesquisa-ação atrelada ao método de revisão bibliográfica. Por suporte teórico, para embasar a intervenção na escola, levaram-se em consideração os seguintes autores: Antonio Candido (1973) e seu trabalho sobre literatura e sociedade; Abdias do Nascimento (1978) e seu estudo a respeito do genocídio negro brasileiro; Nilson Carvalho (2018) e sua pesquisa sobre “Metaliteratura e obras”; e a letra da música “Canção Infantil”, do rapper César Mc (2019), trabalhada com três terceiros anos. Dessa forma, foi possível notar a importância que autores contemporâneos possuem em testificar e imprimir as visões de mundo que compreendem as suas vivências. Através dessa letra de música foi possível notar o que Abdias retrata como um "processo mascarado", que necessariamente não é tão mascarado assim; visto que a literatura, detentora desse paradigma ético, é utilizada como ferramenta de denúncia e resistência às opressões sofridas e às pressões enfrentadas. Portanto, é de suma importância aqui apontar para a literatura e a história como auxiliaadoras na compreensão da realidade, e justamente foi esta a concepção passada, transmitida e construída com os alunos que receberam as visitas do grupo.

Palavras-Chave: Repensar; Estruturas; Metaliteratura; Genocídio Negro; Brasil.

Abstract: In view of the circumstances that surround the social environment, it is of utmost importance to discuss the positions and conceptions that circulate in society, to review mistaken positions and deep-rooted prejudices. Thus, this work aims to expose a basic didactic sequence applied in a school in the Zona da Mata. The methods that conduct this work are configured as an action research linked to the literature review method. As theoretical support, to support the intervention in the school, the following authors were taken into consideration: Antonio Candido (1973) and his work on literature and society; Abdias do Nascimento (1978) and his study on the Brazilian black genocide; Nilson Carvalho (2018) and his research on "Metaliterature and works"; and the lyrics of the song "Children's Song", by rapper César Mc (2019), worked with three third graders. Thus, it was possible to note the importance that contemporary authors have in testifying and printing the worldviews that comprise their experiences. Through these lyrics it was possible to notice what Abdias portrays as a "masked process", which is not necessarily so masked; since literature, holder of this ethical paradigm, is used as a tool of denunciation and resistance to the oppressions suffered and the pressures faced. Therefore, it is of utmost importance here to point to literature and history as helpers in understanding reality, and this was precisely the conception passed on, transmitted, and built with the students who received the group's visits.

Keywords: Rethinking; Structures; Metaliterature; Black Genocide; Brazil.

INTRODUÇÃO

A literatura, assim como as artes, geralmente compreende parte da produção cultural e artística da humanidade. Pensar em literatura é pensar o ser humano, pois as ações, os enlaces e as desavenças da raça humana são refletidas, questionadas e reproduzidas na arte literária. Dentro da estrutura que fundamenta e solidifica a sociedade é possível conjecturar que a literatura para além do caráter questionador, tende a denunciar as mazelas sociais (CANDIDO, 1999, p. 29).

Pensando nisso, foi possível desenvolver um trabalho por meio do Programa de Educação Tutorial (PET) – Conexões de Saberes - Arte, Cultura e Educação - Comunidades Populares e Quilombolas — visando integrar os estudos das ciências sociais aos estudos (meta)literários: “Repensando as estruturas: Metaliteratura e Genocídio negro no Brasil”. Dessa forma, autores como Abdias do Nascimento (1978), Antonio Candido (2006), Nilson Carvalho (2017) e o poema do Rapper César Mc (2019) foram essenciais para a elaboração desse projeto.

A pesquisa-ação se deu na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Antonio Dias Cardoso, no município de Vitória de Santo Antão, e foi possível levar esse debate para três

terceiros anos, em três aulas cada, e discutir o genocídio da juventude negra no Brasil através de um texto metaliterário. Ao final do debate os alunos redigiram um texto resumindo e condensando o que foi debatido.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa-ação, com métodos de revisão bibliográfica atrelada a uma sequência básica de aplicação desenvolvida por Rildo Cosson (1999), é entender como se dá o genocídio negro no Brasil e de que forma a literatura reproduz e denuncia isso?

Dessa forma, foram considerados os estudos sócio-históricos culturais, que mostram e/ou evidenciam uma reprodução estrutural e institucional do racismo, além de entender como esse movimento de segregação e assassinio se dá. Foi de suma importância construir esse conhecimento e embasá-lo nas leituras e discussões destes textos para sala de aula.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

REPENSAR AS ESTRUTURAS

Um dos fatores decisivos nos estudos das humanidades é que nada no âmbito das ciências humanas é óbvio. E a consciência dessa não-obviedade faz com que a educação, por meio da sua essência, ou seja, do pensamento reflexivo, se movimente através de perguntas e respostas. Haja vista que a mãe de todas as ciências, a filosofia, é resultante desse espanto com a realidade. (ARISTÓTELES, 2002, p. 11).

Assim, é possível pensar: o que é um questionamento? No sentido mais amplo, o questionamento é o efeito de questionar algo ou alguma coisa frente à dúvida e à incerteza, mas esse sentido é limitante, pois o questionamento da realidade e da sociedade que é proposto pela filosofia e pela sociologia, respectivamente, não é meramente uma dúvida, mas sim uma provocação diante dos pressupostos sociais dogmáticos.

Dessa forma, invocando os estudos Heideggerianos que mais se aproximam da educação, é viável ressaltar o ensaio: “Que é isto - a filosofia?”, pois, além de ensaiar sobre a necessidade do questionamento diante de ciências já bem articuladas e consolidadas, Heidegger propõe um meio de questionar com mais esmero a realidade objetiva, segundo o professor Marco Aurélio Werle (2008):

Heidegger não escreveu propriamente nenhum texto sobre educação. E se quisermos relacioná-lo a esse tema, é necessário tomar a noção de educação em uma perspectiva mais ampla, ou seja, aproximá-la de seu sentido filosófico, que se conservou, na época moderna, de modo privilegiado, no termo alemão *Bildung* [formação]. [...] A *Bildung* se refere a uma educação total, interior e exterior, inclusive sensível do ser humano, que leva em conta o desenvolvimento imanente de todas as suas possibilidades e potencialidades, ao contrário da formação, que se volta mais para o desdobramento de faculdades ou de talentos e se orienta por preceitos oriundos do exterior. [...] (WERLE, 2008, p.17-18).

Através disso, é possível perceber que há uma perspectiva ampla e característica da educação — porque ela se aproxima da filosofia. Entender como o mundo funciona, quais ideologias são dominantes e quais são recessivas, só se torna possível através de perguntas bem elaboradas; ensinar a questionar e como questionar bem é uma das inúmeras tarefas da educação e dos educadores, porque é por meio dessas provocações que se “apresenta a vida” (SAYÃO. R. 2016).

Para Heidegger, de acordo com Werle, a formação educacional do indivíduo passa pela filosofia de alguma forma, pois o indivíduo percebe que as respostas dadas à realidade do mundo são meramente superficiais e paliativas; o pensamento reflexivo, a seu modo, compreende esses desdobramentos e proporciona uma experiência ativa e profunda com o conhecimento, isto é, dizer, a grosso modo, que as questões movem o conhecimento humano acerca do mundo.

Dentro das noções dos questionamentos é possível conjecturar que existem questões pautadas nas desigualdades sociais, de gênero e raciais. Neste artigo, articulamos sobre esta última — mas, afinal, o que são as questões raciais?

Os estudos sociológicos se articulam e avançam com as revoluções, as guerras e as epidemias. É praxe dizer que os estudos sociais acompanham a sociedade. Após a primeira revolução industrial, eis a idade moderna, o mundo se viu dividido entre burguesia e proletariado (HELLER, 1999, p. 194). A sociedade separou as condições políticas de cada proletariado, pois não eram homogêneos — cada trabalhador enfrentava a exploração trabalhista de uma forma.

Com isso, segundo a autora Agnes Heller, a humanidade no século XXI ainda está na modernidade, mas há uma nova condição política, pois as lutas se diversificaram; as mulheres lutam pela sua causa feminista; os LGBTQIA+, as mulheres e os homens negros lutam contra os

preconceitos de uma sociedade hegemônica; então, o que há é uma diversidade de pautas na luta, e não apenas a dualidade de burgueses e proletários (HELLER, 1999, p. 199).

Dentro dessas percepções, é possível ressaltar que as questões raciais levantadas por esses movimentos questionam o racismo, a necropolítica e o genocídio legitimado e mascarado pelo Estado. Autores como Silvio Almeida, Achille Mbembe e Abdias do Nascimento são essenciais para o entendimento dessas categorias de violências, e serão abordados na terceira seção deste artigo.

Assim, é possível conjecturar alguns pontos acerca das questões raciais: é viável entender que tais questões se estabelecem como centrais para a visibilidade de um grupo; é um modo de provocar o meio social com o intuito de fazer as pessoas notarem que existe algo de errado com a sociedade. Segundo o IBGE, 56% da população brasileira é negra e ainda assim somos minoria nas universidades.

E por meio desses pontos que se torna possível perceber que a desigualdade social e racial é algo que compõe as estruturas da sociedade. Mas o que são as estruturas? Segundo Antonio Candido (2006, p. 143), são os alicerces da sociedade que reproduzem ideologias hegemônicas, tradicionais e preconceituosas.

Com isso, é admissível dizer que há uma estrutura social pensada e consolidada que dificulta e inviabiliza a mobilidade social dos negros para as demais camadas da sociedade, pois sem uma educação de qualidade e sem condições habitacionais dignas se torna muito mais complexa e árdua a ascensão social.

É necessário repensar, pensar novamente e de maneira mais igualitária essa estrutura social racista, discriminatória e desigual — com uma ênfase maior nas questões étnico-raciais. Isto é, segundo a professora Sonia Kramer (1995, p. 67), uma maneira de fazer com que essas temáticas perpassem o debate público e incentivem o pensamento crítico racional e as políticas públicas que envolvam as questões raciais ambientadas no contexto histórico-literário.

Dentro desse contexto sócio-histórico-cultural e escolar é possível ressaltar a relevância que a História e a Literatura possuem, pois para pensar o humano, repensar seus preconceitos e proposições é necessário olhar para a História, vê-la e entendê-la como um meio que reverbera sobre o ser humano e sua trajetória no planeta Terra. Além disso, é possível atentar para a literatura

e observar as aflições, os desejos e as denúncias sociopolíticas que acarretam esse meio (CÂNDIDO, 2006, p. 29).

METALITERATURA

No âmbito dos estudos literários não há um consenso teórico sobre o conceito de literatura. Existem estudos, como o do professor Terry Eagleton (1999), que abordam a literatura numa perspectiva mais cultural; há também os estudos sociológicos da literatura, cujo professor Antonio Candido (2006) é um dos mais renomados, ao nível do Brasil; e existem estudos mais essencialistas, que buscam compreender o que seria a essência do texto literário, assim sendo, os estudos de metaliteratura se posicionam neste último.

Mapeando os vários modos de fazer artístico da humanidade é possível encontrar a literatura enquanto o produto cultural humano que tem como elemento essencial a palavra, ou seja, a literatura se faz com palavras (EAGLETON, 1999, p. 154). Dessa forma, abordando brevemente a literatura enquanto produto de uma cultura, essa resposta não é muito satisfatória — pois não diz muito sobre os elementos do texto literário.

Porém, a perspectiva cultural dos estudos literários reverbera muito sobre a literatura de modo globalizante: a literatura como um meio político, politizante, conscientizante e não isento. Pois, como é um produto da humanidade, a literatura diz muito sobre as pessoas e seus emblemas.

Segundo o teórico Antonio Candido (2006, p. 48), a literatura e a sociedade se auto-espelham, isto é, a sociedade é refletida pela literatura e a literatura é reflexo da sociedade. As questões sociais e raciais são temáticas recorrentes na arte literária, crítica social, crítica política e crítica à condição humana de maneira globalizante.

As revoluções, as guerras, as desigualdades sociais e raciais e as diversas formas de preconceito fazem parte da sociedade. A literatura reproduz, de maneira ficcional, os traumas sociais: quantas obras literárias compreendem a situação da humanidade em períodos de guerra e revoluções? *Isto é um homem?*, do escritor Primo Levi; *A revolução dos bichos*, do George Orwell; *Ensaio sobre a Cegueira*, do José Saramago são obras que retratam a condição humana em situações de guerra, revoluções e epidemias, respectivamente.

Já a abordagem metaliterária da literatura visa compreender qual a essência do texto literária: seria a forma? seria o conteúdo? seria a soma de ambos? Enquanto os estudos culturais e sociológicos da literatura entendem como a literatura aborda questões culturais e sociais, a metaliteratura lida com o fenômeno da auto-referênciação no texto literário, isto é, como, de que modo e por que meio a literatura se autorreferencia? (CARVALHO, 2017, p. 8-13).

Diante desse conceito, é possível lembrar-se da máxima parnasiana “arte pela arte”, mas, como todo movimento literário que se detém à forma e ao modo de fazer artístico, o parnasiano perde o essencial da literatura: o ser humano. Por isso, uma maneira de readaptar essa máxima parnasiana à uma perspectiva mais pós-moderna é o dizer: arte pela humanidade.

Por meio da metaliteratura, é possível perceber que a literatura fala sobre si, por isso para Roland Barthes ([1977] 2004, p. 15), a metaliteratura se configura como o terceiro grau de corrupção do vazio, isto é, no início de tudo, recorrendo ao mito bíblico da criação do mundo pela deidade cristã, só existia o silêncio — “e disse Deus: Haja luz” (Gênesis, 1.3), a fala corrompeu o silêncio, a língua corrompe o vazio — a literatura se configura como a corrupção da língua, pois há uma metaforização da linguagem. A metaliteratura corrompe a literatura, se posiciona como o segundo grau de corrupção da língua e o terceiro grau de corrupção em relação ao vazio.

Mas, ainda assim, seria metaliteratura “literatura pela literatura”? Pensar assim seria retornar ao ideal parnasiano “da arte pela arte”, porém no núcleo da literatura está a humanidade. A metaliteratura é, a grosso modo, quando a literatura fala sobre literatura — ao falar sobre si a literatura fala sobre o ser humano; ao falar sobre si ela se refere ao humano mais uma vez. E, numa perspectiva humanista, a metaliteratura pode ser entendida como: a humanidade pela própria humanidade.

GENOCÍDIO NEGRO NO BRASIL

São inúmeras as questões que contornam essa temática. O extermínio da negritude brasileira é algo que tem seu início em um projeto genocida da abolição da escravatura e, a partir disso, as decisões do Estado não se atentaram em indenizar o negro por seus anos escravizados. Portanto, existe uma divergência teórica em afirmar que o que se vive no Brasil é um genocídio da juventude negra periférica.

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê novo normal (?): artes e diversidades em isolamento
ISSN 1984-6576.

E-202145

Alguns teóricos neoliberais acreditam que o sentido dessa palavra — Genocídio — remete diretamente à Segunda Guerra Mundial, por isso é inviável usá-la no contexto brasileiro. A falha desse pensamento superficial sobre o debate é contornada pelo teórico Abdias do Nascimento, no livro *Genocídio do negro brasileiro: um processo mascarado*, ao afirmar que esse projeto do extermínio da negritude é um processo oculto, travestido e encoberto, pois ele justifica a impressão errônea que alguns teóricos possuem ao afirmar que o genocídio no Brasil inexistente.

Abdias do Nascimento (1978, p. 16-17) caracteriza o genocídio para além do seu sentido etimológico, como ‘extermínio de uma raça’ (*genos*. Gr.). De acordo com o professor, o genocídio da população negra vai além do ato consumado, isto é, das mortes de negras e negros periféricos, o processo de um genocídio também se dá pela negação e pela desintegração da cultura de um povo.

Assim, é possível entender que o genocídio negro no Brasil tem seus alicerces nos sequestros dos negros trazidos do continente africano para as terras recém-invasidas. As raízes do Brasil, tais como: a criminalização da capoeira, da catequização católica, do abandono da língua, do escravismo, da proibição de cultos umbandistas, da ausência de terras como reparação do período pós-abolicionista e da falta de educação básica, cooperaram para as más condições da população negra neste país (COSTA, 1977, p. 14).

O retardo em abolir a escravidão, implementando uma abolição gradual da indústria, foi uma estratégia do regime federativo para não perder a mão de obra gratuita. Então, sucedem uma gama de leis que caminham e apontam para uma abolição total. (COSTA. E. V. p.10. 1977).

Emancipar um povo sem dar o mínimo de condição de vida é programar um genocídio. Sem reintegração ao meio social os negros se submeteram às condições de trabalho desgastantes, por isso a historiadora Emília Viotti da Costa retrata a situação pós-abolição como:

Depois da Abolição não se realizaram os vaticínios sombrios daqueles que auguravam uma catástrofe nacional. Apesar da momentânea desorganização do trabalho e da decadência rápida de certas áreas, o ritmo de desenvolvimento econômico do país acelerou-se. Removidos os entraves à entrada de imigrantes, eles afluíram em grande número para as zonas mais novas. Atendiam-se assim às necessidades da lavoura em expansão e possibilitava-se a organização das fazendas em moldes mais modernos e racionais. Mas as condições de vida do trabalhador rural não mudaram muito. As fazendas de café organizaram-se em grandes unidades exportadoras cujos rendimentos continuaram a depender, em grande

parte, das oscilações de preço do mercado internacional. Muitos dos preconceitos elaborados durante a época da escravidão permaneceram inalterados (COSTA, 1977, p. 340).

Vale ressaltar que o ritmo do desenvolvimento do país acelerou, pois a mão de obra recém-emancipada estava trabalhando a troco de ter o que viver. A historiadora ainda aponta que os preconceitos que surgiram embasados no escravismo “permanecem inalterados”; ou seja, o racismo estrutural, analisado e debatido pelo pensador negro Silvio Almeida (2019), é um dos resultados do passado do Brasil escravista.

A partir da não concessão de terras é que se dá o surgimento das favelas urbanas, tidas em várias ocasiões como: comunidade, periferia e morro (COSTA, 1977, p. 183). Dessa forma, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) no censo de 2018, a população negra urbana se encontra em sua maioria nas favelas, periferias e comunidades — que não possuem saneamento básico e segurança; e com a presença contínua de facções e circulação de drogas.

Além de ser maioria nas comunidades, os negros também são maioria no sistema carcerário brasileiro. Sendo que, 61,7% da população carcerária é negra (inclusos aqui pretos e pardos), de acordo com o site da Câmara dos Deputados (2018) — isto é, o próprio poder público tem conhecimento do processo de genocídio negro no Brasil, mas é negligente em adotar medidas que parem esse processo.

Com isso, é possível notar que o processo do genocídio negro no Brasil está ligado intrinsecamente com o racismo estrutural, com a desigualdade social e com a violência policial. Por conta da disparidade na qualidade do sistema educacional brasileiro, as oportunidades entre estudantes brancos de colégios particulares e estudantes negros de colégios públicos diferem de modo gritante. Sem acesso à educação pública, gratuita e de qualidade, a saída mais simples, e que garante algo na mesa, é a adesão ao mundo do crime, do tráfico e da prostituição.

Somado a isso está à criminalização do funk, do rap e do hip hop que são exemplos de desintegrações da cultura negra. Por muito tempo as músicas do grupo Racionais Mc’s eram tidas como músicas de marginais. Porém é possível perceber que na atualidade esse grupo tem recebido certa notoriedade, pois é obrigatória a leitura do álbum *Sobrevivendo no inferno* para um dos vestibulares mais importantes do país — Unicamp.

Longe de fazer apologia às drogas e ao crime, o grupo Racionais Mc's, no álbum *Sobrevivendo no inferno*, cria um contato e um vínculo da negritude com a realidade dos seus ancestrais. Músicas como “Negro drama” e “Capítulo 4 Versículo 3” criam uma conexão além da ancestralidade, promovem a consciência de classe e dão ênfase a realidade contemporânea complexa do negro, por conta do passado escravista e opressor (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 48).

Assim, com base nos aportes teóricos e dados apontados, é possível conjecturar que o genocídio negro no Brasil é legitimado pelo Estado, pois, de maneira natural e quase espontânea, este decide não enxergar o que acontece com a população negra brasileira. É preciso tratar dessa temática de maneira contínua, pois desde a abolição da escravatura em 1888 o projeto “Brasil genocida” está em curso, e tem obtido grande êxito.

RESULTADO E DISCUSSÃO DOS DADOS

No início do ano letivo, da Escola de Referência em Ensino Médio Antonio Dias Cardoso, durante o período de uma semana, foi possível aplicar uma sequência didática, orientada e monitorada pelo Prof. Me. Emanuel Rodrigues de Souza, de língua portuguesa aos terceiros anos do Ensino Médio.

A sequência ocorreu em três momentos: em um primeiro momento os alunos assistiram ao videoclipe da música “Canção Infantil”, que era originalmente um poema escrito pelo rapper César MC — vencedor do Duelo de Mc's, vencedor do duelo nacional e vencedor do concurso de poesia Slam (com o poema musicado ele construiu a música “Canção infantil” - Anexo 1) —; no segundo momento foi possível discutir sobre a canção, os fatos e as imagens que ela evidencia, e de que forma a metaliteratura se ambienta nessa letra de música; em um terceiro momento eles foram instruídos a escrever um (texto) comentário com no mínimo 4 parágrafos, ressaltando o que foi discutido e como eles observam essa situação na conjuntura política atual.

Seguiu esse padrão em todas as três turmas do terceiro anos. E para completar a sequência básica, em todas as turmas, foram necessárias três aulas em cada turma. Assim, após as devidas apresentações, foi possível, com auxílio do projetor, reproduzir o videoclipe da música — e, com a letra da música em mãos, os alunos acompanharam o que estava sendo reproduzido.

— Primeiro momento da sequência didática: Assistindo ao videoclipe



Durante o período que o vídeo foi exibido os alunos ficaram em silêncio e se concentraram, em parte porque o professor que ministra a disciplina de língua portuguesa estava em sala e não saiu em nenhum momento; em parte porque os fatos que a letra da música evidência são chamativos, já que os efeitos sonoros dos tiros e as reportagens sobre a violência policial, que foram repercutidas ao nível nacional e mundial, constam na música.

Após a exibição do vídeo foi possível dialogar com os alunos sobre o que eles entendem por literatura (buscando um conceito a respeito desse fazer artístico), após essa abordagem cogitamos a possibilidade da literatura se autorreferenciar e esse ato de dizer-se indica que na essência do fazer literário existe a própria literatura.

— Discutindo sobre a canção



Nesse instante, foi possível discutir sobre como a literatura aborda as causas sociais e de que forma ela denuncia as mazelas sociais que evidenciam as desigualdades existentes em nosso país. Alguns alunos já haviam escutado essa música, assim a discussão em torno da temática foi mais leve.

Com isso, a discussão discorreu da seguinte maneira: era feita a leitura das estrofes da canção e os alunos acompanhavam. Em determinado ponto parávamos e debatíamos sobre as figuras retratadas na letra da música. O rapper César Mc se valeu da canção “Era uma casa muito engraçada...”, do compositor brasileiro Vinícius de Moraes, para compor a “Canção infantil”, assim, é possível dizer, houve um intertexto entre ambas poesias musicadas, isto é, no âmbito dos estudos de literatura comparada “Influência”; a letra do César Mc foi influenciada pela canção de Vinícius de Moraes.

Assim, o caráter crítico que o rapper deposita na canção inverte todos os pressupostos fantasiosos, dessa forma a ficção de Moraes dá vazão à realidade dos fatos cotidianos da população periférica, ou seja, a realidade das comunidades brasileiras — onde predomina a população negra que é destacada na canção.

Deste modo, é viável apontar que a metaliteratura, como foi apontado para os alunos, se dá nessa canção por conta da intertextualidade explícita que está evidenciada nos primeiros versos de cada canção:

Era uma casa, muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada
Ninguém podia entrar nela não
Porque na casa não tinha chão
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não tinha parede
Ninguém podia fazer pipi
Porque pinico não tinha ali
(MORAES, A casa - 1980)

Era uma casa não muito engraçada
Por falta de afeto não tinha nada
Até tinha teto, piscina, arquiteto
Só não deu pra comprar aquilo que faltava
Bem estruturada, às vezes lotada
Mas memo lotada uma solidão
Dizia o poeta, o que é feito de ego
Na rua dos tolos gera frustração
(MC César, Canção Infantil - 2019)

Após a explanação de toda música e o debate de ideias, entre os pontos levantados pela canção e a realidade dos fatos, os alunos foram questionados quanto à relevância do racismo na atualidade; essa instigação se deu quando eles foram questionados sobre o quadro de professores e quantos negros fazem parte do corpo docente da instituição de ensino vitorriense. A resposta foi demorada, pois apenas um professor autodeclarado negro faz parte da instituição — e este professor leciona a disciplina de física.

Em seguida, com o objetivo de registrar o debate, o aplicador e o professor orientador sugerirão que os alunos escrevessem um comentário, com no mínimo quatro parágrafos, sobre os

assuntos abordados durante as discussões. Tendo em vista que foram muitos comentários, a posteriori trarei alguns trechos (no anexo 2 ficará o link de acesso para o *corpus* de análise).

A estrutura do comentário que propomos para os estudantes foi a seguinte: um parágrafo para genocídio negro, um parágrafo para metaliteratura, um para resumir o que ficou da apresentação e outro para avaliar a apresentação. Nas seções seguintes serão expostas as percepções dos alunos sobre cada tópico, valendo-se de um aluno por tópico (sendo expostos 4 comentários).

— Escrevendo sobre o que foi debatido



Assim, vale salientar que o projeto foi aplicado no início no ano letivo, ou seja, os alunos tinham retornado das férias, e o hábito da escrita é pouco incentivado no período de descanso. Tendo em vista isso, um dos alunos do terceiro ano C descreveu o genocídio negro da seguinte forma:

O genocídio significa o extermínio sistemático de pessoas tendo como principal motivação as diferenças de nacionalidade, raça, religiões, cor, (roupas) e

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê novo normal (?): artes e diversidades em isolamento

ISSN 1984-6576.

E-202145

principalmente diferenças étnicas. É uma prática que visa eliminar minorias étnicas em determinadas regiões (JOSÉ VICTOR, 3º C, 2020).

Esse aluno conseguiu depreender o conceito de genocídio que foi trabalhado com o auxílio do videoclipe e do debate atrelado à apresentação em PowerPoint, dessa maneira, ao dizer que genocídio é o extermínio de uma raça e a não conferência da existência de sua cultura e suas crenças, ele retextualiza o conceito proposto por Abdias de Nascimento acerca dessa temática.

O próximo trecho de redação a ser destacado é de uma aluna do 3º ano “C”, que diz o seguinte sobre metaliteratura:

A metaliteratura é usada (na literatura) para falar da própria literatura, como foi utilizada na letra de música (texto) incluindo “Alice no país das maravilhas”, “Pinóquio”, etc. Com essas inclusões da literatura (na própria literatura) ela consegue comparar a realidade com os contos infantis (NICOLY GOMES DOS SANTOS, 3º C, 2020).

Nesse trecho, que aos moldes de um comentário visa ser sintético, é possível notar que a aluna conseguiu entender como a metaliteratura se dá na arte literária, além disso, ela citou um exemplo de metaliteratura na própria canção — que é a referência a personagens de textos literários consagrados na literatura mundial.

No terceiro parágrafo do comentário, que deveria conter uma explanação bem resumida acerca da música, uma aluna disse o seguinte:

A música retrata a sociedade de hoje, a pobreza, a ganância, a riqueza. Uma palavra que posso defini-la, é impactante, pois há trechos em que fala de mortes e dificuldades reais de famílias na nossa sociedade hoje. Quando a música fala "O vilão que está na história ria ou no jornal" ela fala dos vilões da realidade, os genocidas, os que usam o poder e a condição financeira para se salvar e sair impune, no caso "os monstros viraram liderais". A canção infantil, é utilizada para refletir sobre todos os acontecimentos que ocorrem no mundo e que às vezes, nem nós damos a devida importância a esses fatos, deixamos passar despercebidos (ALÂNIA KAYLI OLIVEIRA DE ALCANTARA, 3º C, 2020).

É possível perceber que a aluna entendeu os contrastes entre as classes sociais que foram relatados nos trechos das músicas. Para dar ênfase ao que ela percebeu a discente faz uso de trechos

da canção. Assim, a temática da desigualdade racial e social foi apropriada por ela durante a redação do comentário. Na conclusão do parágrafo ela deposita algumas concepções sobre as percepções dos fatos, que passam batido, em algumas circunstâncias.

No último parágrafo, que deveria ser usado para avaliar a apresentação e o debate da canção, o aluno do 3º ano “C” avaliou o trabalho da seguinte forma:

A apresentação foi ótima, autoexplicativa que deriva o autoconhecimento das coações do ato que é o genocídio, e de que essas pessoas vivem em comunidade, com a desigualdade, além de explicar o que é a metaliteratura. E o Luiz Henrique deu a liberdade de nos abrir debater sobre o assunto citado, e ele explora o assunto de uma forma explicativa e divertida (EINANDOS DE LIMA SILVA, 3º C, 2020).

Assim, é possível perceber que do ponto de vista do aluno o debate sobre a canção foi importante para construir algo consoante à desigualdade social, à metaliteratura e ao genocídio. Além disso, a avaliação como ótima possibilita dizer que o trabalho foi satisfatório na visão dos discentes.

Dada a complexidade do assunto só foi possível trabalhar de maneira interdisciplinar em três aulas, de 45 minutos, em cada turma. Em uma aula é praticamente impossível trabalhar uma sequência didática básica que permita cativar os alunos quanto ao texto a ser discutido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, com este trabalho foi possível pesquisar acerca da metaliteratura e aplicar um projeto que a envolvesse em uma chave interdisciplinar e necessária no âmbito estudantil. Além disso, foi possível entender e estudar sobre o processo necropolítico que a sociedade brasileira enfrenta, isto é, o genocídio do negro brasileiro, e questionar os alicerces sobre os quais o meio social se apoia.

Além de refletir e estudar foi essencial levar este conteúdo para educação básica, pois a aplicação em sala de aula auxilia a apropriação dos conceitos trabalhados, possibilita ouvir todas as opiniões em torno da discussão temática e proporciona a construção do senso crítico por parte dos discentes.

Deste modo, é possível dizer que o trabalho agregou tantos aos alunos quanto aos aplicadores, haja vista que o professor da instituição, Emanuel Rodrigues de Souza, orientou acerca do agir didático e a professor tutora do grupo PET, Gilmara Mabel Santos, auxiliou na aprovação do trabalho — como uma ramificação de um projeto maior que é o “Conexão- Escola”.

Portanto, é viável ressaltar que o conhecimento empodera e dignifica, e aos jovens proporciona consciência social e senso crítico. Ademais, é possível questionar as estruturas que alicerçam a sociedade e (re)construir uma comunidade igualitária que possua equidade e que saiba distinguir o que é preconceito do que é opinião.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**, v. I. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 11 [982b].

BARTHES, Roland. **Aula**. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. São Paulo: Cultrix, 2004.

CALVI, Pedro. Sistema carcerário brasileiro: negros e pobres na prisão. **Câmara dos deputados: comissão dos direitos humanos e minorias**. 01 ago. 2018. Disponível em: <<https://bitly.com/EMPKk>> Acesso em: 27 mai. 2020.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto. 2006.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. [S.l: s.n.], 1977.

HELLER, Agnes e FEHER, F. **A condição política pós-moderna**, 1998.

GOMES, Irene; MARLI, Mônica. IBGE mostra as cores da desigualdade. **Agência de notícias IBGE**. 11 mai. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>> Acesso em: 27 mai. 2020.

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê novo normal (?): artes e diversidades em isolamento
ISSN 1984-6576.

E-202145

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.

WERLE, Marco Aurélio. Heidegger e a arte de questionar. **Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, [S.l.], v. 1, n. 10, mar. 2018.

Anexo 1

Era uma casa não muito engraçada
Por falta de afeto não tinha nada
Até tinha teto, piscina, arquiteto
Só não deu pra comprar aquilo que faltava
Bem estruturada, às vezes lotada
Mas memo lotada uma solidão
Dizia o poeta, o que é feito de ego
Na rua dos tolos gera frustração
Yeah, yeah, yeah
Hmm, hmm, hmm
Yeah, yeah, yeah, yeah
Hmm, hmm, hmm
Yeah, havia outra casa, canto da quebrada
Sem rua asfaltada, fora do padrão
Eternit furada, pequena, apertada
Mas se for colar tem água pro feijão
Se o Mengão jogar, pode até parcelar
Vai ter carne, cerveja, refri e carvão
As moeda contada, a luz sempre cortada
Mas fé não faltava, tinham gratidão
Yeah, yeah, yeah

Mas era tão perto do céu
Yeah, yeah, yeah
Mas era tão perto do céu
Como era doce o sonho ali (Como era doce o sonho ali)
Mesmo não tendo a melhor condição (Mesmo não tendo a melhor condição)
Todos podiam dormir ali (Todos podiam dormir ali)
Mesmo só tendo um velho colchão (Mesmo só tendo um velho colchão)
Mas era feita com muito amor (amor, amor)
Mas era feita com muito amor
A vida é uma canção infantil
É, sério, pensa, viu?
Belas e feras, castelos e celas
Princesas, Pinóquios, mocinhos e
É, eu não sei se isso é bom ou mal
Alguém me explica o que nesse mundo é real
O tiroteio na escola, a camisa no varal
O vilão que 'tá na história ou aquele do jornal
Diz (diz) por que descobertas são letais?
Os monstros se tornaram liderais
Eu brincava de polícia e ladrão um tempo atrás
Hoje ninguém mais brinca, ficou realista demais
As balas ficaram reais perfurando a Eternit
Brincar nós ainda quer, mas o sangue melou o pique
O final do conto é triste quando o mal não vai embora
O bicho-papão existe, não ouse brincar lá fora
Pois cinco meninos foram passear
Sem droga, flagrante, desgraça nenhuma
A polícia engatilhou pá, pá, pá, pá
Mas nenhum, nenhum deles voltaram de lá
Foram mais de cem disparos nesse conto sem moral
Já não sei se era mito essa história de lobo mau
Diretamente do fundo do caos procuro meu cais no mundo de cães
Os manos são maus, no fundo a maldade resulta da escolha que temos nas mãos
Uma canção infantil, à vera
Mas lamento, velho, aqui a Bela não fica com a Fera
Também pudera, é cada um no seu espaço

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê novo normal (?): artes e diversidades em isolamento

ISSN 1984-6576.

E-202145

Sapatos de cristal pisam em pés descalços
A Rapunzel é linda sim, com os dreads no terraço
Mas se a lebre vim de Juliet, até a tartaruga aperta o passo
Porque é sim tão difícil de explicar
Na ciranda, cirandinha, a sirene vem me enquadrar
Me mandando dar meia-volta sem ao menos me explicar
De Costa Barros a Guadalupe, um milhão de enredos
Como explicar para uma criança que a segurança dá medo?
Me explicar que 80 tiros foi engano
80 tiros, 80 tiros, ah
Carrossel de horrores, tudo te faz refém
Motivos pra chorar até a bailarina tem
O início já é o fim da trilha
Até a Alice percebeu que não era uma maravilha
Tem algo errado com o mundo
Não tire os olhos da ampulheta
O ser humano em resumo é o câncer do planeta
A sociedade é doentia e julga a cor, a careta
Deus escreve planos de paz, mas também nos dá a caneta
E nós, nós escrevemos a vida, iPhones, a fome, a seca
Os homi, os drone, a inveja e a mágoa
O dinheiro, a disputa, o sangue, o gatilho
Sucrilhos, mansões, condomínios e guetos
Tá tudo do avesso, fazíamos no berço
Nosso final feliz tem a ver com o começo
Somente o começo, somente o começo
Pro plantio ser livre a colheita é o preço
A vida é uma canção infantil, veja você mesmo
Somos Pinóquios plantando mentiras e botando a culpa no Gepeto
Precisamos voltar pra casa
Onde era feita com muito amor
Onde era feita com muito amor

(Cesar MC - Canção Infantil part. Cristal)

ANEXO 2

Corpus ADC - Neste link constam as redações recolhidas da aplicação do projeto:

<<https://drive.google.com/file/d/11gVKkV60U75goswkJUzNeiWSAWBz1fPP/view?usp=sharing>
>

Ou no Qr Code:

